



Genealogia do Islamismo Radical

de Ibn Taymiyya a Sayyid Qutb

Universidade de Aveiro, V Congresso da Associação
Portuguesa de Ciência Política

Painel “Dinâmicas e Tensões do Islão Europeu”

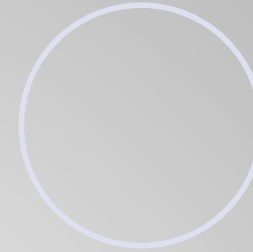
José Pedro Teixeira Fernandes

5/Março/2010

Índice



1. O Islamismo como ideologia política
2. Um precursor medieval: Ibn Taymiyya
3. Um precursor no século do Iluminismo: Muhammad ibn Abd al-Wahhab
4. A (re)configuração moderna: Hassan al-Banna e os Irmãos Muçulmanos
5. Os ideólogos modernos: Abul Ala Mawdudi e Sayyid Qutb
6. Repercussões sobre o Islão na (da) Europa



O ISLAMISMO COMO IDEOLOGIA POLÍTICA

O Islamismo como ideologia política (conceito)

“Os observadores ocidentais têm usado numerosos termos para se referirem ao fenómeno da era moderna do ressurgimento islâmico. Um dos termos mais amplamente usados é *fundamentalismo islâmico*. Outros termos incluem *Islão político*, *revivalismo islâmico*, *extremismo islâmico* e (de forma mais controversa), *islamofascismo*. Um termo melhor e crescentemente usado por académicos e jornalistas [...] é *islamismo*. Tal como outros ‘ismos’ da era moderna, por exemplo, comunismo e fascismo, as organizações islamistas subscrevem uma visão dogmática que afirma fornecer respostas para todos os problemas do mundo [...]. Todavia, aqueles aos quais chamamos ‘islamistas’ não aplicam este termo a si próprios. Os islamistas opõem-se ao termo porque este sugere que a sua filosofia é uma extrapolação do Islão, em vez da expressão recta do Islão como modo de vida. De facto, a maioria dos islamistas definem-se a si próprios simplesmente como muçulmanos preocupados com a restauração do verdadeiro Islão.”

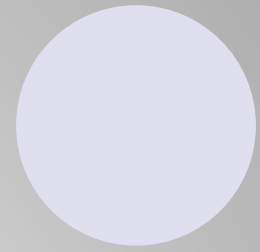
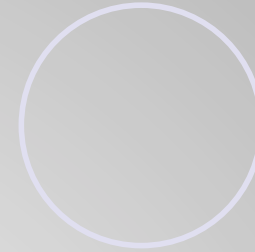
John Calvert (2008, p. 1).

O Islamismo como ideologia política (características)

- Recusa feita por convicção e/ou estratégia, de separação entre o Islão como religião (e cultura), do Islão como política e ideologia;
- Os actores não são necessariamente partidos políticos, mas muitas vezes grupos e movimentos, formais ou informais, hierarquizados ou descentralizados, aparentemente apenas com missões e objectivos religiosos e/ou sociais;
- Forma de fazer política em rota de colisão com concepção de política (secular) do mundo ocidental, a qual pode ser designada como uma “teopolítica”, devido à intrincada e deliberada mistura entre o religioso e o político que lhe está subjacente.

O Islamismo como ideologia política (características)

- Em termos de estado, o seu horizonte ideal é o estado islâmico regido pela *Sharia*, o que, na linguagem política europeia e ocidental, corresponde a um estado de tipo teocrático e, por extensão de ideias, o seu sistema de governo a uma teocracia;
- Uma quinta e última característica do islamismo radical é o uso, de forma explícita e deliberada, dos textos religiosos do Islão – o Alcorão e os *Ahadith* – como “manifesto político”, em rota de colisão com a concepção secularista ocidental de política.



OS PRECURSORES DO ISLAMISMO

Um precursor medieval: Ibn Taymiyya (1263-1328)

- Embora o islamismo, entendido como ideologia política, seja, conforme já fizemos notar, um fenómeno moderno, isto não significa que não existam contributos anteriores que possam ser configurados como uma espécie de “proto islamismo”;
- Isto ocorre, desde logo, porque há um processo de uso e re-apropriação de textos do passado, efectuado pelos modernos islamistas;
- Neste contexto, o trabalho do teólogo-jurista medieval (ou “doutor da lei”, numa expressão de ressonância bíblica) Ibn Taymiyya, tornou-se uma referência importante na actual ideologia islamista.

Um precursor medieval: Ibn Taymiyya (1263-1328)

- A luta dos muçulmanos contra os invasores mongóis e o regresso ao “verdadeiro” Islão foram as grandes motivações subjacente às *fatwas* e escritos de Ibn Taymiyya;
- Foi também Ibn Taymiyya “quem, de forma persuasiva, argumentou que o Islão necessita do poder do Estado, o princípio fundador para todos os islamistas.” (Mary Habeck 2006, pp. 19-20);
- “Dado os tempos em que este viveu, não é muito surpreendente que Ibn Taymiyya tenha apoiado o reatar da luta armada contra todos os que se encontravam fora da alçada do Islão. Este tornar-se-ia, de facto, conhecido como um dos principais proponentes do dever islâmico que se chama *jihad*.” (*idem*, p. 20).

Um precursor medieval: Ibn Taymiyya (1263-1328)

- “Para Osama Bin Laden, Ibn Taymiyya [...] é uma das grandes autoridades a ser citada para justificar o recurso à espécie de violência indiscriminada que este chama *jihad*. Em particular, Ibn Tymiyya foi citado duas vezes em sermões e comunicados em 2003.” (Richard Booney, 2004, p. 123);
- Sobre este uso, Richard Booney denuncia uma apropriação e distorção do pensamento de Ibn Taymiyya, feita pelos actuais islamistas radicais;
- Naturalmente que o uso dos textos de Ibn Taymiyya, para fins políticos do presente, levanta várias questões. Todavia, na origem do uso por Bin Laden e outros parece estar também o radicalismo existente em vários textos de Ibn Taymiyya, o que acaba por facilitar (e dar uma teórica plausibilidade) a tais interpretações/apropriações.

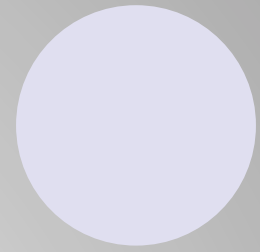
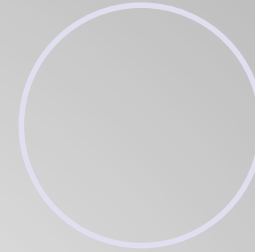
Um precursor no século do Iluminismo: Muhammad ibn Abd al-Wahhab

- Muhammad ibn Abd al-Wahhab (1703-1792) que, tal como Ibn Taymiyya, foi também um teólogo-jurista da escola hanbalita teve uma vida de activismo e de propagação da *dawa* (apelo ou chamamento ao Islão);
- O seu conceito radical de *tawhid* (unidade de Deus), por vezes designado como “puritanismo”, está na origem de uma aversão extremada a imagens, túmulos e templos de santos;
- Até às décadas de 60 e 70 do século XX, o wahhabismo foi uma corrente relativamente marginal no contexto do Islão e sem influência relevante fora da península arábica;
- A partir dessa altura, sobretudo devido aos enormes rendimentos gerados pelo petróleo na Arábia Saudita, o whhabismo começou a espalhar-se um pouco por todo o mundo muçulmano chegando à diáspora na Europa.

Um precursor no século do Iluminismo: Muhammad ibn Abd al-Wahhab

- “O contributo de Abd al-Wahhab à teologia muçulmana é pouco significativo. Os seus discípulos, de resto, rejeitam a designação de ‘wahhabitas’ nascida e propagada num meio hostil – que lhes atribuía a idolatria de um homem – e que preferem a esta a de ‘salafistas’ – a qual evoca o seu esforço de imitar os ‘antepassados pios’ (*salaf*), companheiros do Profeta de modo de vida exemplar. O ensinamento de Abd al-Wahhab que se consagrou a por em obra, com um vigor inaudito, as injunções de jurisconsultos e ulemas medievais, sendo o mais célebre o sírio Ibn Taymiyya (1263-1328), mentor do movimento islamista sunita todas as tendências confundidas [...]. Em termos sucintos, tanto Ibn Taymiyya como Abd al-Wahhab preconizam a aplicação mais estrita da *Sharia*, a lei islâmica, na vida quotidiana, a única adequada para reformar o Islão e a purgá-lo das escórias humanas das quais está poluído e a reencontrar o sopro divino que a inspira.”

Gilles Kepel (2000, p.70).



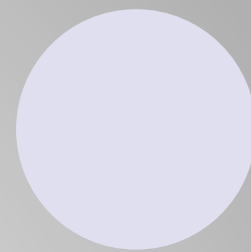
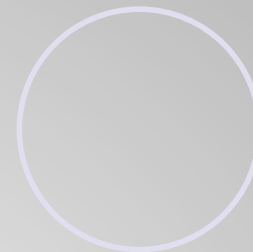
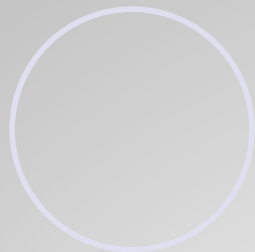
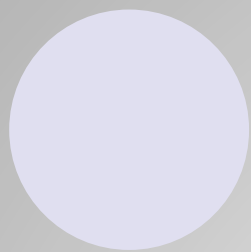
A (RE)CONFIGURAÇÃO MODERNA: O ACTIVISMO ISLAMISTA

A (re)configuração moderna: Hassan al-Banna e os Irmãos Muçulmanos

- Uma figura fundamental no movimento islamista radical, não tanto pelo seu papel como intelectual e ideólogo, mas pelas suas capacidades organizadoras e activismo religioso, social e político é Hassan al-Banna (1906-1949);
- A este se deve a criação, em 1928, no Egipto, do principal arquétipo dos actuais movimentos islamistas. O *Al-ikhwan al-muslimun*/Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, um movimento político de massas que pretendia ser um antídoto às “corruptas” ideologias seculares ocidentais;
- No cerne do ideário de Hassan al-Banna e dos Irmãos Muçulmanos estava (e está) uma oposição feroz à influência das ideias seculares e ocidentais no Egipto e nos países muçulmanos (por vezes dissimulada pela prática da *taqiyya*, ou seja, escondendo a verdadeira crença em meios hostis).

A (re)configuração moderna: Hassan al-Banna e os Irmãos Muçulmanos

- Tal como é típico na ideologia islamista, a principal razão apontada para a decadência das sociedades islâmicas foi terem-se afastado do “verdadeiro” Islão, e, sobretudo, terem cometido o grave erro de copiar os sistemas seculares e o modo de funcionamento materialista ocidental;
- A estratégia ideológico-política de Hassan al-Banna e dos Irmãos Muçulmanos passou por abordar temas sensíveis para as diferentes camadas da população: i) ocupação colonial estrangeira; ii) as desigualdades sociais e o apoio aos mais necessitados; iii) a necessidade de promover uma educação islâmica e afastar a corrupta ideologia do modernismo e nacionalismo árabe que promovia sistemas políticos ocidentais; iv) a solidariedade com os irmãos palestinos contra o invasor sionista, etc.



OS IDEÓLOGOS MODERNOS

Os ideólogos modernos: Abul Ala Mawdudi (1903-1979)

- Os escritos (e activismo) de Abul Ala Mawdudi surgiram no contexto da traumática partição da Índia colonial britânica e da criação do Paquistão como um estado para os muçulmanos do sub-continente indiano;
- Em 1941 Abul Ala Mawdudi fundou o *Jamaat-i-Islami*, literalmente o “Partido Islâmico”, que pode ser considerado (a par da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos), como um dos modelos de referência dos actuais partidos islamistas;
- Segundo Mawdudi (1986, p. 9), “A característica mais importante do Islão é que este não faz distinção entre o espiritual e o secular na vida. O seu objectivo é configurar quer as vidas individuais, quer a sociedade no seu conjunto [...]. O modo de vida islâmico é assim baseado num conceito único do lugar do homem no universo.”

Os ideólogos modernos: Abul Ala Mawdudi (1903-1979)

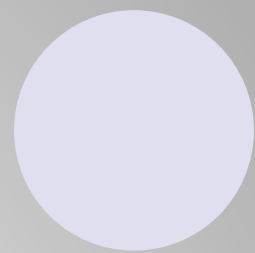
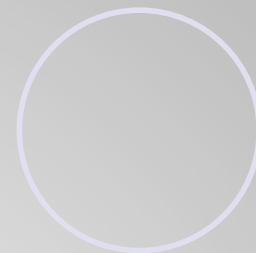
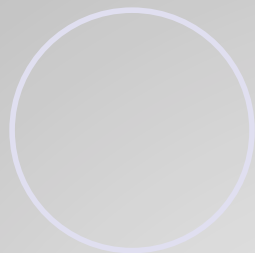
- Para Mawdudi “o Estado islâmico era necessário porque o Islão nunca seria completamente implementado, a menos que este controlasse os centros de poder. Sem o Estado islâmico o Islão seria muito provavelmente marginalizado”. Desta forma, “a ordem política deveria ser uma clara manifestação da soberania de Deus” (Seyyed Nasr, 1986, p. 81);
- Assim, o modo de vida islâmico preconizado por Mawdudi abrange não só a esfera privada do crente muçulmano como a esfera pública e organização social e política;
- Na sua concepção, o Islão é muito mais do que uma crença religiosa que se pratica em termos pessoais e na “sociedade civil”, devendo o estado e o exercício do poder político, judicial e executivo submeter-se às suas regras;
- Quer dizer, estamos perante um sistema “totalizante” ou totalitário, pelo menos na óptica da concepção europeia e ocidental de democracia (liberal).

Os ideólogos modernos: Sayyid Qutb (1906-1966)

- Qutb é normalmente considerado como o principal ideólogo dos Irmãos Muçulmanos do Egito, sobretudo pela influência das suas ideias por todo o mundo muçulmano (sunita), contidas em escritos como *Fi Zilal al-Quran/À Sombra do Corão*;
- Tal como ocorreu com Mawdudi, estamos perante um pensador multifacetado cujas ideias evoluíram ao longo do tempo e, neste caso, se foram radicalizando notoriamente a partir do final dos anos 40 do século XX;
- Para Qutb (2000, p. 316), “o Islão é um sistema social perfeitamente praticável em si próprio; tem crenças, leis, e um sistema social e económico que está sob controlo da consciência e da lei [...] Este oferece à humanidade uma teoria perfeitamente abrangente do universo, da vida, da humanidade, uma teoria que satisfaz as necessidades intelectuais do homem [...].”

Os ideólogos modernos: Sayyid Qutb (1906-1966)

- Qutb (2000, p. 38) sustenta ainda que a “verdadeira filosofia muçulmana não deve ser procurada em Ibn Sina [Avicena] ou em Ibn Rushd [Averróis], ou outros deste género que são conhecidos como os filósofos muçulmanos; isto porque a filosofia que estes ensinam não é mais do que uma sombra da filosofia grega e não tem relação com a verdadeira filosofia islâmica. A fé do Islão tem uma filosofia nativa universal que tem de ser procurada nas próprias fontes teóricas: o Alcorão e as Tradições [*Ahadith*], a vida do seu Profeta e os seus hábitos quotidianos. Estas são as autoridades nas quais o estudioso deve embrenhar-se profundamente para encontrar a teoria islâmica universal da qual vêm todos os ensinamentos e leis islâmicas e os seus modos de oração e de trabalho.”



REPERCUSSÕES SOBRE O ISLÃO NA (DA) EUROPA

Repercussões sobre o Islão na (da) Europa

- Mawdudi e Qutb – ambos com um papel central na formação do ideário islamista radical sunita –, usaram argumentos persuasivos e com elaboração intelectual, nalguns casos até bastante sofisticada;
- Assim, não é surpreendente que estes se tenham tornado atractivos (tal como, os escritos de Ibn Taymiyya), para muitos muçulmanos com níveis de instrução elevada e oriundos de todos os estratos sociais, vivendo em países islâmicos ou na Europa e Ocidente, onde a liberdade de circulação da informação e a consciência ideológica é notoriamente maior;
- As razões são várias e que vão desde a qualidade intrínseca da argumentação até ao facto de, na memória colectiva, a “idade de ouro” estar associada aos primeiros tempos dos Islão e às vitórias militares retumbantes e de expansão da *umma* pelos primeiros califas árabes.

Repercussões sobre o Islão na (da) Europa

- Como sublinham até à exaustão os islamistas, a explicação para a “tragédia” do presente só pode ser o resultado do afastamento dos preceitos do Islão, que ocorreu quando tentaram imitar o Ocidente e adoptar as suas “corruptas” ideologias seculares: democracia liberal, comunismo, capitalismo materialista, etc.
- Só um regresso ao “verdadeiro” Islão, o qual passa pelo cumprimento escrupulosa da *Sharia* e tem por horizonte ideal o estado islâmico – o que só poderá ser criado quando (e onde) os muçulmanos estiverem em maioria –, poderão recuperar o poder, a riqueza e a admiração do resto da humanidade;
- O grande problema que daqui resulta, não só para os muçulmanos liberais e modernizadores, como para as sociedades seculares ocidentais, é que esta forma de argumentação teve (e tem) grande ressonância em pessoas oriundas de um contexto cultural e religioso muçulmano.

Referências bibliográficas

- Booney, Richard (2004), *Jihad. From Quran to Bin Laden*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan
- Calvert, John (2008), *Islamism. A Documentary and Reference Guide*, Westport-Londres
- Habeck, Mary (2006), *Knowing the Enemy. Jihadist Ideology and the War on Terror*, New Haven, Yale University Press
- Kepel, Gilles (2000), *Jihad. Expansion et déclin de l'islamisme*, Paris, Gallimard
- Mawdudi, Abul Ala (1986), *The Islamic Way of Life* (trad. ingl. de *Islam Ka Nizam Hayat*, 1948), Leicester, Fundação Islâmica de Leicester
- Nasr, Seyyed (1996), *Mawdudi and the Making of Islamic Revivalism*, Oxford-Nova Iorque, Oxford University Press
- Qutb, Sayyid (2000), *Social Justice in Islam* (trad. ing. de *Al-Adalah al-ijtimaíyah fi'l-Islam*, 1949), Oneonta-Nova Iorque, Islamic Publications International